

Novas teorias no ensino de línguas em Moçambique: o trabalho com a entonação valorativa em sala de aula

New theories in language teaching in Mozambique: working with the evaluative intonation in the classroom

Arcedes José Manuel¹

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana

RESUMO

Este estudo analisa os conceitos axiológicos, com ênfase na entonação valorativa, na medida em que pode ser mobilizado como recurso para o ensino da leitura em sala de aula, tanto pelo professor quanto pelo aluno. Desse modo, a pesquisa objetiva discutir como a entonação valorativa contribui para a formação de leitores-ativos no trabalho com os gêneros discursivos. Metodologicamente, o estudo ancora-se na Análise Dialógica do Discurso (ADD) e na Análise de Conteúdo (AC). Do ponto de vista teórico, recorre aos conceitos de entonação valorativa (Volochnov, 1926; Dahlet, 1997; Bezerra; Menegassi, 2022; Bakhtin, 2003; Menegassi; Cavalcanti, 2013), bem como à noção de enunciado (Volochnov, 2017, 1929; Mendes-Polato; Beloti; Menegassi, 2018; Volochnov, 2013a, 1930). Como resultado, evidenciou-se a importância do conceito de entonação valorativa para o ensino da leitura em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE:

Palavras-chave 1. Entonação Valorativa 2. Ensino de Línguas 3. Produção de sentidos.

ABSTRACT

This study analyzes axiological concepts, with an emphasis on evaluative intonation, insofar as it can be mobilized as resource for teaching reading in the classroom, both by teachers and students. Thus, the research aims to discuss how evaluative intonation contributes to the formation of active readers in working with discursive genres. Methodologically, the study is based on Dialogic Discourse Analysis (DDA) and Content Analysis (CA). From a theoretical point of view, it draws on the concepts of evaluative intonation ((Volochnov, 1926; Dahlet, 1997; Bezerra; Menegassi, 2022; Bakhtin, 2003; Menegassi; Cavalcanti, 2013), as well as the notion of utterance (Volochnov, 2017, 1929; Mendes-Polato; Beloti; Menegassi, 2018; Volochnov, 2013a, 1930). As a result, the importance of the concept of evaluative intonation for teaching reading in the classroom was highlighted.

KEYWORDS:

Keyword 1. Evaluative Intonation 2. Language Teaching 3. Production of meanings.

Recebido em: 18/02/2024

Aceito em: 20/10/2024

¹ E-mail: arcedesjosemanuel1@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3796-7084>.

Introdução

Se, em sala de aula, as perguntas constituem uma das ferramentas de ensino, torna-se viável estudá-las, pois possibilitam a fluência crítica na leitura dos alunos-leitores (Fuza; Menegassi, 2020, p. 65).

Diante do interesse em refletir sobre as novas teorias no ensino de línguas em Moçambique, principalmente no trabalho com a entonação valorativa em sala de aula, este estudo propõe discutir como se manifestam as atividades de leitura apresentadas nos livros didáticos de ensino. Para tanto, a pesquisa ancora-se nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, responsável por uma viragem significativa nos estudos linguísticos, ao conceber o texto como um enunciado que carrega marcas sociais, históricas, ideológicas e culturais.

Por conseguinte, essa nova forma de conceber o texto contrapõe-se à perspectiva apresentada anteriormente por Ferdinand de Saussure, para quem a significação de uma mensagem, seja escrita ou oral, deveria ser compreendida em função da própria sequência linguística, isto é, de seus elementos estritamente linguísticos.

Entretanto, as abordagens do Círculo de Bakhtin, apresentadas sobretudo por Volochinov (1926), em *“Discurso na Vida, Discurso Arte”*, destacam que toda avaliação e outras similares, qualquer que seja o critério que as rege (ético, cognitivo, político ou outro), levam em consideração muito mais do que aquilo que se encontra restrito aos fatores estritamente verbais (linguísticos) do enunciado. Para além desses fatores, tais avaliações abrangem também a situação extraverbal em que o enunciado se produz.

Dessa maneira, tais julgamentos e avaliações remetem a um determinado todo, no interior do qual o discurso verbal ou escrito envolve diretamente um evento da vida e com ele se funde, formando uma unidade indissolúvel. Assim, o discurso verbal em si, tomado isoladamente como um fenômeno puramente linguístico, não pode, naturalmente, ser verdadeiro ou falso, ousado ou tímido (Volochinov, 1926).

Entretanto, consideramos ser necessária a construção de uma postura reflexiva que reconheça o aluno tanto como um ser social quanto como um sujeito interlocutor. Para compreender determinados enunciados e constituir sentidos, esse sujeito precisa considerar a entonação valorativa como um dos elementos constitutivos do enunciado, uma vez que ela possibilita ao aluno, na condição de aprendiz, refletir e relacionar os gêneros discursivos

apresentados a situações reais do seu mundo. Somente assim, os gêneros presentes nos livros didáticos poderão ser explorados de forma eficaz.

Nesse estudo, pretende-se complementar colaborando com o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano de Moçambique, por meio da proposição de atividades que, a partir dos gêneros discursivos disponibilizados no livro didático de Língua Portuguesa, explorem a compreensão do discurso inscrito no texto por meio da entonação valorativa. Considera-se esse elemento fundamental para a constituição de sentidos do enunciado, bem como para a formação da atitude responsiva do aluno.

Assim sendo, no que se refere à entonação, Dahlet (1997, p. 250) esclarece que o sentido de “voz” nos estudos do Círculo, é mais de ordem metafórica, porque não se trata concretamente de emissão vocal sonora, mas de uma memória semântico-social depositada na palavra. Na realidade, no discurso verbalmente expresso, a materialidade verbal tende a apresentar-se acompanhada de outros elementos entonacionais, visto que a fala se realiza pela voz do sujeito falante, por sua entonação, pelos gestos e também pelas expressões faciais, compondo um conjunto axiológico (Dahlet, 1997, p. 250).

Desse modo, o sujeito (aluno), ao assumir o lugar de enunciator, adota um posicionamento em relação ao objeto de sua fala, que implica uma relação emotivo-volitiva também com o outro a quem sua palavra se dirige. Nessa perspectiva, o objetivo central deste estudo consiste em discutir de que maneira a entonação valorativa, enquanto conceito axiológico, auxilia na produção de sentidos no ensino da leitura em sala de aula.

Nesse sentido, compreende-se a importância de considerar a entonação valorativa na abordagem do texto como elemento do ensino da leitura e da escrita, uma vez que, ao manifestar-se nas perguntas de leitura, ela coadjuva na constituição dos sentidos na interação estabelecida e, por conseguinte, contribui para a construção de posicionamento responsivo ativo do aluno.

Para a análise das informações da pesquisa, serão utilizados recortes de atividades de leitura do livro didático de Língua Portuguesa da 7ª classe do ensino primário² moçambicano, adotado em todas as escolas do país. Embora esse livro tenha sido introduzido nas escolas moçambicanas em 2004, ele continua sendo usado até hoje, sendo o único material didático disponível para essa etapa de escolarização em todo o país.

² Nesta pesquisa, utiliza-se o termo “Ensino Primário” para referir-se ao que corresponde ao “Ensino Fundamental” no Brasil.

Diante dessa situação, ratifica-se, a partir desse estudo, que, em países do continente africano, no caso específico de Moçambique, no âmbito educacional, a substituição de um livro didático por outro demanda um período considerável, em razão das significativas dificuldades econômicas e dos entraves relacionados à gestão pública.

Por essa razão, por se tratar do único livro didático utilizado na maioria das escolas do país, considera-se relevante estudá-lo e adotá-lo como objeto para a constituição do *corpus* desta pesquisa, buscando compreender, a partir dele, de que maneira as propostas de atividades de leitura contribuem para a formação de alunos-leitores ativos por meio da aplicação do conceito de entonação valorativa do Círculo de Bakhtin. Assim, na seção seguinte, apresenta-se a discussão da base teoria do estudo.

2 Dialogando com a teoria

2.1 A entonação valorativa no ensino de línguas

Atualmente, a Análise do Discurso (AD) tem se consolidado como uma área de estudo que suscita numerosas pesquisas. Ancorados nessa perspectiva, buscamos compreender a leitura sob uma óptica dialógica, uma vez que é por meio da leitura que se formam alunos leitores-ativos, principalmente na transição do nível básico para o nível médio.

Razão pela qual o sentido do dizer e sua atualização apenas se efetivam em contextos de interação, o que leva a inferir que a compreensão de um enunciado está condicionada à apreciação de elementos axiológicos e valorativos (Bakhtin, 2010, 1986). Isso porque o tom do discurso está sempre direcionado ao outro (princípio de alteridade), e para a situação de interação estabelecida, na medida em que ocorre o compartilhamento dos valores sociais e históricos. Desse modo, o elemento afectivo, próprio da natureza humana, manifesta-se na e pela entonação valorativa (Bezerra; Menegassi, 2022, p. 195).

Ao seguir essa linha de pensamento, Dahlet (2005) explica que, uma vez que o enunciado se constitui em uma esfera ideológica, ele sempre expressa uma posição avaliativa, o que permite inferir que é a entonação que materializa a avaliação social. Diante disso, coloca-se a questão: afinal, o que é entonação? Pois bem, partindo do conceito dicionarizado do termo, compreende-se que:

Chama-se entonação as variações de tom laríngeo que não incidem sobre um fonema ou uma sílaba, mas sobre uma sequência mais longa (palavra, sequência de palavras) e formam a curva melódica da frase. São utilizadas, na fonação, para

veicular fora da simples enunciação informações complementares, de que um certo número, as mais simples, são reconhecidas pela gramática: a interrogação (frase interrogativa), a alegria (frase exclamativa), etc. A entonação contém os elementos afectivos, conotativos, estéticos, pelos quais os sentimentos e as emoções se unem à expressão das ideias [...] (Dubbois, 2006).

Nessa citação, observa-se que se trata de uma visão ligada às variações do tom laríngeo, entendida, portanto, como um recurso não linguístico da fala, responsável por marcar o ritmo, o timbre e a velocidade da voz, além de indicar se o tom é articulado como agudo ou grave. Assim definida, a entonação confere qualidade à voz (Dubbois, 2006). Já a abordagem bakhtiniana contempla essa vertente, mas a transcende, ampliando-a para horizontes de natureza social.

Os estudos desenvolvidos no âmbito do Círculo (1926) mostram que a manifestação do dizer mantém uma relação estreita com a realidade concreta do sujeito falante. Assim, o signo, visto pela ótica puramente linguística, não pode expressar, por exemplo, se algo é belo ou é feio, pois é um tipo de avaliação que nasce na relação com o outro (Bakhtin; Volochinov, 1926). Desse modo, a palavra traz sempre impressa a voz de alguém.

Nessa lógica, em qualquer palavra há vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais e quase imperceptíveis, bem como vozes próximas, que soam concomitantemente, manifestadas no material linguístico sob formas diversas e também em materiais semióticos também diversificados (Bakhtin, 2003, p. 330).

Nesses termos, compreende-se que as palavras, ainda que pronunciadas com variações de timbre, modulações diferenciadas, entre outros elementos, não são totalmente autossuficientes. Isso porque é necessário reconhecer que em cada enunciado ou palavra, encontra-se impressa a voz do sujeito enunciadador ou do coletivo social do qual o indivíduo faz parte. Tais vozes são construídas na interação e são fundamentais para a constituição da significação de um enunciado ou de um gênero discursivo.

Por essa razão, para o Círculo de Bakhtin (1926), “a entonação é incumbida de estabelecer o vínculo entre a palavra-discurso e os aspectos constitutivos do comportamento e das ações humanas, pois lhe compete o papel de coadjuvar na produção do sentido”. Já para Menegassi e Cavalcanti (2013, p. 440), a entonação está relacionada ao outro, uma vez que “sua escolha depende do significado que o locutor quer dar ao enunciado, fazendo com que uma mesma palavra atenda a diferentes enunciações”.

Posição semelhante pode ser constatada nos estudos de Sobral (2009), especialmente quando o autor se refere ao caráter valorativo da linguagem, ao afirmar que “todo

discurso traz em si a valoração pelo locutor do dito e do modo de dizer [...]. Há, portanto, em todo discurso, um ajuste, uma negociação [...]” (Sobral, 2009, p. 87). Tal perspectiva suplanta a forma, uma vez que as entonações avaliativas dependem de maneira absoluta da posição social ocupada pelos interlocutores, dos papéis assumidos e das relações mantidas entre eles em uma dada situação de comunicação.

Dessa maneira, compreende-se que é por meio da entonação que se constitui o sentido nos enunciados, uma vez que o interlocutor precisa adentrar o universo axiológico de produção do enunciado para compreender as intenções comunicativas e discursivas do outro. Nesse sentido, Menegassi e Cavalcanti (2013, p. 440) defendem que a entonação está relacionada ao outro, evidenciando que existe um jogo interacional entre os interlocutores em todo momento de manifestação da linguagem.

Por outro lado, de acordo com a concepção dialógica do Círculo de Bakhtin, a realidade da linguagem está na interação discursiva que ocorre por meio de enunciados concretos (Volochinov, 2017a, 1929a). Tais enunciados congregam questões inerentemente sociais, operam refrações e, portanto, constituem-se ideológicos, na medida em que os indivíduos, por meio de suas enunciações, tomam uma posição no mundo (Manuel, 2023; Pereira; Rodrigues, 2014). Desse modo, a linguagem não se define apenas como um meio pelo qual as pessoas se expressam e se comunicam, mas como um espaço de conflito entre diferentes classes sociais.

Dessa forma, ao enunciar, o indivíduo antecipa o contexto geral de enunciação, isto é, o espaço de interação. Tal antecipação envolve a percepção de sua própria posição social, bem como a do interlocutor, as relações de classe, o contexto imediato e o mais amplo, além das possíveis consequências da enunciação e as prováveis respostas adquiridas com ela. Em outros termos, assume-se, nesse processo, uma atitude responsiva (Volochinov, 1929a, 2017a).

Com isso, compreende-se que toda interação deve ser contextualizada, isto é, deve existir um auditório no qual os sujeitos assumem posições discursivas. É nesse e por meio desse auditório que os interlocutores passam a considerar as condições de produção, os elementos extraverbais, a entonação, entre outros aspetos, para a constituição da significação, já que os enunciados não podem ser compreendidos fora desse conjunto, tampouco percebidos como neutros.

Entretanto, os indivíduos também devem considerar as posições axiológicas existentes que se estabelecem, uma vez que, ao dirigir-se ao outro, por exemplo, ao enunciar uma ordem, a resposta pode variar conforme a posição ocupada por quem formula. Em determinadas situações, o interlocutor pode não obedecer; em outras, pode acatar plenamente o enunciado. Desse modo,

toda palavra procede de alguém e se dirige a alguém, em função das intenções comunicativas que a orientam (Bakhtin, 2003).

Nessa perspectiva, compreende-se que o ato de enunciação não depende apenas da materialidade verbal, sonora, imagética, perceptível de maneira relativamente semelhante por todos os participantes de uma dada situação. Ela depende, também, de um contexto extraverbal, caracterizado como um conjunto de compreensões implícitas (Volochinov, 2013a, 1926b). Nesse sentido, o contexto extraverbal congrega: “1) um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes; 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação, igualmente compartilhados pelos dois; e, finalmente, 3) a valoração compartilhada dessa situação” (Volochinov, 2013a [1926b], p. 78). Esses três aspectos evidenciam uma relação conjunta entre indivíduos, uma vez que precisam vislumbrar um contexto, compreendê-lo e atribuir à situação que nele ocorre uma valoração.

Essa valoração ocorre, sobretudo, amparada na posição ideológica que é dominante no contexto, apropriada por uma determinada condição de classe e sustentada por um auditório social amplo (Volochinov, 2017a [1929b]). Destaca-se, ainda, que toda comunicação, independentemente de suas características, inclui julgamentos de valor, seja em relação ao próprio interlocutor, quando este é colocado em posição inferior e transformado em objeto (Volochinov, 2013 [1926a]).

Assim, para Volochinov (2017a [1929b], p. 236), “não existe enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia. Desse modo, na enunciação, o indivíduo avalia o interlocutor e avalia o objeto; entretanto isso não ocorre de maneira estritamente pessoal. Os valores que entram em jogo na verbalização são trazidos de um contexto extraverbal que, por sua vez, fornece certos posicionamentos àqueles que estão em diálogo.

A partir dessas considerações, compreende-se que todo enunciado é permeado por uma avaliação social, a qual se sustenta na sociedade que constitui o indivíduo como sujeito histórico e ideológico. Nesse sentido, cabe ao interlocutor atribuir um juízo avaliativo a cada enunciado na situação de interação. Assim, o reconhecimento dos três elementos que compõem a situação extraverbal torna-se fundamental para a compreensão do enunciado e de sua entonação. Diante disso, na seção seguinte, dedica-se à discussão do conceito de enunciado.

2.2 Enunciado: condição para a efetividade da entonação valorativa

Para o aprofundamento dos conceitos de valoração e entonação, faz-se necessário retomar a noção de extraverbal. O extraverbal é aquilo a) conjuntamente visto; b) conjuntamente sabido e; c) conjuntamente avaliado. Para que uma enunciação seja efetiva e suscite resposta, os falantes precisam vislumbrar o mesmo objeto de referência. Da mesma forma, ambos falantes necessitam conhecer (ou buscar conhecer), ao menos superficialmente, esse objeto e, por fim, que haja uma avaliação compartilhada. Se houver apenas um olhar, um conhecimento, uma avaliação, não há diálogo e nem interlocução (Volochínov, 1926 *apud* Ângelo; Czerevaty, 2019).

Com essas considerações, compreende-se a noção de extraverbal como um domínio tripartido que deve funcionar de forma articulada e simultânea. Desse modo, nenhum elemento deve ser visto de forma separada, tampouco hierarquizado em relação aos demais. É o extraverbal que possibilita aos sujeitos compreenderem as condições de produção de um determinado enunciado, a permitir a constituição de sentidos.

No entanto, um aspecto igualmente relevante para a compreensão da entonação valorativa, segundo Pereira e Rodrigues (2014, p. 179), é a necessidade de partir da noção de ideologia, uma vez que, para o Círculo de Bakhtin, a ideologia é “[...] a expressão de uma tomada de posição”. O sujeito nunca será indiferente ao objeto de apreciação, mas sempre se posicionará em relação a ele, seja com apreciação, depreciação, elogio, crítica, ironia, dentre outras possibilidades (Bakhtin; Volochinov, 1926).

Por outro lado, mesmo quando o indivíduo se silencia diante de algo, sua posição já está determinada; mesmo quando parece intocado pelo acontecimento, este germina em sua consciência e determina outras ações no decorrer da história, em suma, a “tomada de posição” é vital ao próprio ser humano e, portanto, à linguagem (Pereira; Rodrigues, 2014, p.179).

Com isso, percebe-se que o sujeito marca suas posições sempre em relação ao outro. Tais posições, nessa perspectiva, devem ser respeitadas por esse outro, porque, como afirma Faraco (2009) “um mesmo objecto pode receber valorações diferentes dependendo da posição ocupada por cada interlocutor”. Para Volochinov (2017 [1929]), “[...] não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa” (p. 208), pois “sem uma ênfase valorativa não há palavra” (p. 233) e, conseqüentemente, “não existe enunciado sem avaliação. Todo enunciado é, antes de tudo, uma orientação avaliativa”.

Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia” (Volochinov, 2017, p. 236). Isso esclarece que a linguagem não se basta por uma estrutura objetiva, de significação sistêmica das palavras, mas envolve a questão valorativa.

A partir da afirmação de Volochinov (2017 [1929]), pensamos que é muito importante compreender a orientação social avaliativa como uma das características centrais da entonação valorativa tal como definida pelo Círculo de Bakhtin. Nessa perceptiva, ainda que as palavras respeitem as regras de estruturação de uma sequência linguística, elas precisam, para a constituição da significação, da valoração atribuída ao interlocutor, em função de sua própria orientação social e, simultaneamente, das condições de produção desse enunciado. Desse modo, o sentido de um enunciado não está na sequência linguística, mas na avaliação que o sujeito realiza ao se posicionar diante dele.

Nesse âmbito, Volochinov (2013 [1926], p. 81) destaca que é na entonação que a valoração encontra sua expressão mais pura. A entonação estabelece um vínculo estreito entre a palavra e o contexto extraverbal: a entonação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais. O autor acrescenta que “mediante a entonação, a palavra se relaciona diretamente com a vida” (Volochinov, 2013, [1926], p. 82).

Nesse sentido, observa-se que a entonação se associa ao extraverbal, sendo por meio deste que se apreende a fronteira do dito e do não dito no enunciado. Parte-se da compreensão de que os enunciados estão a serviço da valoração atribuída pelos sujeitos. Assim, no processo em que o sujeito atribui valor a um dado enunciado, essa valoração se relaciona, de modo indissociável, a acontecimentos do seu dia a dia, em sociedade (enunciado concreto).

Nos termos de Volochinov (2013, [1930]), “a entonação é o condutor mais dúctil, mais sensível, das relações sociais existentes entre os falantes de uma dada situação, [...] a entonação é a expressão sonora da valoração social”. Por sua vez, Mendes-Polato, Beloti e Menegassi (2018) destacam que “a entonação dada a partir da apreensão social é condição para que o ser se reflecte próprio e posicionado por meio da palavra-discurso”, uma vez que “a palavra só será própria quando povoada de intenção, acento, quando dominada por meio do discurso na sua orientação semântica e expressiva em direção social” (Mendes-Polato; Beloti; Menegassi, 2018, p. 593).

Assim, as relações sociais se constituem por meio da entonação, na medida em que confere ao sujeito a responsabilidade autoral inerente à valoração e à posição tomada. Aqui compreendemos que através de um enunciado, dito de forma oral ou escrita, quando o sujeito lhe

atribui valoração e considera a orientação social avaliativa, torna-se possível a constituição de sentidos e o acesso ao universo axiológico que permeia a produção dos interlocutores. Em outros termos, o sujeito passa a reconhecer e a ter a imagem acústico-emotiva subjacente à produção do enunciado.

A entonação, dessa forma, estabelece um elo entre o discurso verbal e o contexto extraverbal, sendo responsável por transportar o discurso para além das fronteiras do verbal, por estar na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não dito, sendo compreensível juntamente com o julgamento de valor estabelecido pelo enunciado e o próprio ato comunicativo (Volochínov, 2013).

Nesse caso, segundo (Volochínov, 2013), a entonação é a marca pessoal do locutor, sua presença e seus valores no enunciado. Por exemplo, o enunciado: “– Mãe!”. Tomado isoladamente, é um enunciado vazio, mas se pronunciado com entonação expressiva pode ter diferentes significações, causando valores diversos aos interlocutores. O que vai determinar o sentido é o contexto extraverbal no qual estiver inserido.

Assim sendo, compreende-se que os enunciados não devem ser apreendidos de forma isolada, pois, caso contrário, distancia-se da possibilidade de constituição de sentidos, os quais, muitas das vezes, não se encontram explícitos. Em outras palavras, existe um auditório no qual o enunciado é instituído, percebido, bem como um contexto sócio-historicamente-situado, onde e através dele torna-se possível desvelar o tema, o estilo e a organização composicional do enunciado.

Ademais, compreendemos que tais características também se manifestam no material escrito, o que exige dos leitores um conjunto de conhecimentos que permitirão a constituição de sentidos nos enunciados. Diante disso, na próxima seção, apresentamos a metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa.

3 Percorso Metodológico

Para a constituição e análise das informações, este estudo recorre a dois dispositivos metodológicos: a Análise Dialógica do Discurso (ADD) e a Análise de Conteúdo (AC). No que se refere ao primeiro dispositivo, a Análise Dialógica do Discurso, caracteriza-se, fundamentalmente, por “não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de um ponto de vista dialógico, num embate” (Brait, 2006, p.24). Nesse sentido, a ADD é mobilizada como teoria de compreensão paralela, capaz de ampliar os tratamentos indutivos e dedutivos de dados, de modo a sustentar uma

compreensão ativa do desenvolvimento histórico do objeto, bem como possibilitando a interpretação dos discursos em sua dinâmica social e axiológica.

A Análise Dialoga do Discurso compreende três etapas: (1) descrição; (2) análise; e (3) interpretação. A descrição, corresponde à primeira etapa, constitui o primeiro contato do/a pesquisador/a com o objeto de estudo, tendo como principal objetivo apresentar o objeto em sua configuração geral e específica. Nesse momento, é importante atentar para as esferas de produção, circulação e recepção dos enunciados concretos que englobam o *corpus* da pesquisa (Destri; Marchezan, 2021).

Desse modo, no âmbito deste estudo, a etapa da descrição ocorreu no processo de seleção e escolha do livro didático de Língua Portuguesa da 7ª classe, adotado como *corpus* da pesquisa. Além disso, essa etapa compreendeu a observação atenta das atividades de leitura presentes no livro didático selecionado, com vistas à aplicação do conceito de entonação valorativa dos enunciados.

Por conseguinte, a análise, correspondente à segunda etapa da ADD, refere-se a um trabalho minucioso de apreensão dos fios ideológicos que compõem os enunciados e os discursos, articulando relações e considerando os componentes extralinguísticos que atravessam o *corpus*. Esse processo implica olhar para o objeto como algo não dado, cuja compreensão exige, inevitavelmente, a consideração de outras vozes que podem contribuir para o aprofundamento reflexivo do objeto estudado.

Por fim, a interpretação, corresponde à terceira etapa da ADD, envolve “a observação dos sentidos construídos a partir dos aspectos de singularidade e relativa estabilidade do *corpus*” (Destri; Marchezan, 2021, p. 17). Esse movimento valoriza a singularidade do olhar interpretativo do/a pesquisador/a diante da relativa estabilidade do *corpus* construído. Tal estabilidade orienta o/a pesquisador/a a identificação de “padrões linguístico-discursivos que, ao serem observados e analisados, podem ser, por fim, interpretados em seu caráter genérico, com todos os elementos analíticos já produzidos e engajados” (Destri; Marchezan, 2021, p. 18).

No que se refere à Análise de Conteúdo (AC), Bardin (1977, p. 30), define-a como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações”, cujo objetivo é enriquecer a leitura e extrair conteúdos por trás da mensagem analisada. Trata-se de um dispositivo metodológico que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa quanto na investigação qualitativa.

A Análise de Conteúdo (AC), prevê três polos cronológicos: 1. a pré-análise; 2. a exploração do material e; 3. o tratamento dos resultados. A pré-análise envolve três missões: a escolha

flexível, porém precisa e fundamentada do material a ser submetido à análise; a formulação de hipóteses e dos objetivos; e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final.

Ela tem como objetivo a organização não estruturada, aberta e envolve: a) a leitura flutuante, que se torna mais precisa em função de hipóteses emergentes e; b) a escolha dos documentos, pautada na demarcação do “género de documentos sobre os quais se pode efetuar a análise” (Bardin 1977, p. 96) e que podem desfechar na constituição de um *corpus*. Essa etapa da AC, dialoga com a primeira etapa da ADD.

A exploração do material, conforme Bardin (1977), correspondente à segunda etapa da AC, diz respeito ao momento de tratar o material coletado na fase anterior, transformando-o em dados passíveis de análise, por meio de operações de codificação. O processo de codificação implica o estabelecimento de um sistema de códigos que possibilite a identificação rápida e sistemática de cada elemento da amostra recortada para a pesquisa.

Desse modo, no âmbito desta pesquisa, essa etapa ocorreu quando, após a seleção das atividades de leitura para a constituição do *corpus*, procedeu-se a atribuição de categorias para a identificação das atividades. Tal identificação foi realizada por meio da indicação da designação (atividade de leitura), seguida de um número correspondente a sua posição no plano de análise, como, por exemplo, *atividade de leitura 1*, e assim em diante. Essa etapa, dialoga com a segunda etapa da ADD.

Por fim, a interpretação, correspondente à terceira etapa da AC, consiste no estabelecimento de novas significações a partir das características identificadas nas etapas anteriores. Conforme esclarece Bardin (1977), a interpretação proposta pelo método busca descobrir por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, um sentido não explícito em dialogo com a teoria. Diante disso, na próxima seção, nos dedicamos na análise e interpretação da materialidade, à luz da metodologia apresentada.

4 Análise e interpretação da materialidade

A materialidade deste estudo é o livro didático da 7.^a classe de Língua Portuguesa, da autoria de Simão Muhate, Sandra Mourana, Clementina Massango e Filipe Macie, intitulado “*Regras de Comunicação*”, publicado pela editora Longman Moçambique, Lda. O manual encontra-se registrado no INLD sob o número: 4368/RLINLD, no ano de 2004. Apesar da sua data de publicação, o livro continua sendo utilizado atualmente nas escolas moçambicanas.

Nesse sentido, a escolha do livro didático da 7.^a classe para a constituição do *corpus* desta pesquisa assenta-se em dois aspetos fundamentais: o primeiro pelo fato de a 7.^a classe ser referência no ensino da Língua Portuguesa em Moçambique, sendo, por isso, o seu ensino obrigatório e gratuito em todo país. Segundo porque, a Língua Portuguesa é a base de compreensão de outras áreas; assim, dificuldades de compreensão nessa disciplina tendem a repercutir negativamente no desempenho do aluno nas outras disciplinas.

Figura 1: Livro didático de Língua Portuguesa da 7.^a classe de Moçambique.



Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&url=http%3A%2F%2Fconhecimento.co.mz.>

Atividade 1

A atividade número 1 do *corpus* encontra-se registrada na página 55 do livro didático, no gênero discursivo instrução. Nesse gênero, são apresentadas três atividades de leitura, que constituem, mais adiante, o foco da presente análise. Antes da leitura do texto, são apresentadas duas recomendações orientadoras, e, depois da leitura do texto, são apresentadas três atividades, conforme se observa a seguir: a) *Tu mesmo podes instruir alguém sobre como se pode fazer alguma coisa que tu sabes muito bem-fazer. Procura, então, ensinar os teus colegas a fazerem alguma coisa que tu sabes;* b) *Lê atentamente as instruções seguintes.*

Depois da leitura, são apresentadas as seguintes atividades:

- 1 Depois da leitura que fizeste do texto, reescreve por palavras tuas as instruções dadas para confeccionar um envelope e faz um envelope seguindo os passos acima.

Oralidade e escrita

- 2 Em grupos de três, produz instruções orais sobre como ir à escola, ao posto de saúde e ao mercado.
- 3 Escreve um texto, instruindo as pessoas sobre como se atravessa uma estrada movimentada.

Comentário analítico 1

Ao analisarmos essas atividades de leitura, entendemos que o conceito de entonação valorativa pode ser produtivamente explorado, uma vez que o gênero nelas mobilizado constitui uma prática social da qual os indivíduos, em sociedade se apropriam. Com efeito, recorre-se ao gênero instrução sempre que se busca orientar ações, seja para deslocar-se até um lugar específico. Por via disso, de acordo com Fiorin (*apud* Bezerra; Manegassi, 2021, p. 181), “a assimilação dos valores compartilhados se constitui em uma condição essencial para a construção das respostas a serem dadas pelos alunos”.

Assim, na recomendação da alínea A: *“Tu mesmo podes instruir alguém sobre como se pode fazer alguma coisa que tu sabes muito bem-fazer. Procura, então, ensinar os teus colegas a fazerem alguma coisa que tu sabes”*, observa-se que, para ensinar os colegas por meio do gênero instrução, o aluno precisa colocar-se em uma posição enunciativa específica e se fazer as seguintes perguntas, conforme propõe Galdi (1997, p. 69-71): 1. Quem sou eu para falar-lhes assim? 2. Quem são eles (os meus colegas) para eu falar-lhes assim? 3. De que lhes falo eu? Com isso, se

percebe que nesses questionamentos, que devem orientar o aluno a responder ativamente à primeira recomendação, estão marcados os possíveis julgamentos de valores que são construídos socialmente, carregados da ideologia constitutiva do grupo ao qual o aluno pertence.

Logo, o aluno precisa estabelecer um diálogo com o seu mundo social, de modo a compreender que tipo de instrução poderá apresentar aos seus colegas e quais os possíveis efeitos que essa enunciação poderá produzir. Isso porque, conforme afirmam Bakhtin e Volochinov (2006, p. 95) [...] “a palavra está a serviço de qualquer indivíduo e de qualquer posição avaliativa, se manifesta em todas as relações sociais, o que implica dizer que nós reagimos àquelas que nos despertam ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida, os ecos valorativos dos discursos e valores dos grupos a que pertencemos”.

No que se refere à atividade número 1, apresentada na seção: “*Depois da leitura que fizeste do texto, reescreve por palavras tuas as instruções dadas para confeccionar um envelope, e faz um envelope seguindo os passos acima*”, os autores do livro didático solicitam que o aluno realize uma atividade de reescrita utilizando suas próprias palavras. Entendemos, portanto, que essa atividade, se devidamente mediada pelo professor na sala de aula, pode levar o aluno, no momento da reescrita, a mobilizar a memória semântico-vocal depositada na palavra, favorecendo a compreensão do sentido da atividade proposta.

Assim sendo, ao confeccionar um envelope a partir das instruções apresentadas no texto, o aluno necessita mobilizar não apenas a sequência verbal das orientações, mas também uma representação mental do objeto a ser produzido. Somente dessa forma será possível atender à exigência da atividade proposta. Do contrário, ainda que o aluno siga corretamente as instruções e utilize os mesmos materiais, poderá produzir um objeto distinto daquele esperado. Reiteramos, portanto, que o conhecimento do interlocutor e dos objetos que nos cercam constitui um elemento fundamental para a produção de sentidos. Pode ocorrer, por exemplo, que o aluno, ao seguir as instruções do texto, produza um objeto que não corresponda a um envelope e, por não dispor de uma imagem prévia desse objeto, considere sua produção adequada, quando, na verdade, ela não atende ao propósito da atividade.

Na pergunta 3: “*Escreve um texto, instruindo as pessoas sobre como se atravessa uma estrada movimentada*”. O aluno é levado a considerar o extraverbal, na medida em que, de acordo com Bakhtin (2006) e Volochinov (2013), a entonação, o extraverbal e o julgamento de valor são conceitos que funcionam em conjunto e constituem a nossa linguagem e o nosso existir humano”.

Assim, o aluno precisa imaginar uma situação concreta de vida, situada em uma rua movimentada, com a circulação de pessoas, carros e bicicletas saindo de um lugar para o outro. Entendemos que somente a partir dessa projeção situacional o aluno poderá instruir seus colegas de modo significativo sobre como atravessar uma estrada movimentada. Nessa perspectiva, uma situação prática de vida previamente experienciada pelo aluno contribui para a construção de uma instrução socialmente situada; caso contrário, a atividade corre o risco de tornar-se improdutivo. Isso porque, de acordo com Volochínov (2017, [1929]), “[...] não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa” (p. 208), já que “sem uma ênfase valorativa não há palavra” (p. 233) e, conseqüentemente, “não existe enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa.

Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia” (p. 236). À luz dessa compreensão, como proposta de atividades que poderiam ser exploradas nesse gênero discursivo, consideramos as seguintes:

- 1 Imagine que alguém esteja perdido e não consiga chegar ao mercado central da sua cidade, e és a única pessoa a quem ele pode recorrer para chegar ao mercado.
 - a) Como você faria para poder instruí-lo a chegar ao mercado da sua cidade?
 - b) Como terias certeza de que a sua explicação iria ajudá-lo?

Portanto, entendemos que tais conhecimentos devem fazer parte do repertório tanto do aluno quanto do professor no contexto da sala de aula, uma vez que, conforme afirma Chartier (2001, p. 215), “a leitura constitui uma ação que dialoga com o funcionamento da sociedade e das diversas práticas que possibilitam interação entre os sujeitos, conduzido ou encurralado, o leitor encontra-se invariavelmente inscrito no texto, mas este, por sua vez, inscreve-se de múltiplas formas em seus diferentes leitores”.

Atividade 2

Nesta seção, analisamos a atividade de leitura disposta na página 119, pertencente à unidade temática 4 “*A sociedade*”. nessa página, o conteúdo programático proposto para os alunos corresponde aos recursos estilísticos (figuras de estilo). Para começar a atividade, os autores do livro didático apresentam duas recomendações, como descritas a seguir:

- A. Diz ao teu colega, quais as figuras de estilo que conheces e dá exemplos com frases da tua autoria.
- B. Lê o texto que te apresentamos.

Em seguida é apresentado o texto intitulado “*Dia de feriado*”, e, a partir dele, são propostas as seguintes atividades:

Compreensão do texto

1. Certo dia, o elétrico tomou uma decisão. Qual e por quê?
2. Por que razão o elétrico se fez passar por um turista?
3. Neste poema, o elétrico comporta-se como uma pessoa. Indica a figura de estilo que o permite. Extraí do texto uma passagem que prova a afirmação em 3.

Comentário analítico 2

Nessa atividade de leitura, entendemos que, para compreender as questões propostas após o texto, o aluno precisa reconhecer que a linguagem vai mais além das palavras e da simples estruturação delas. Na pergunta: “*Certo dia, o elétrico tomou uma decisão. Qual e por quê?*”, por exemplo, o aluno precisa apreender as atitudes valorativas atribuídas ao elétrico no texto, pois é a partir delas que se torna possível compreender a decisão tomada e justificar as razões que a motivaram.

De seguida, observa-se que as características valorativas atribuídas ao elétrico são as mesmas que também podem ser identificadas nos seres humanos. Nesse sentido, pode-se dizer que ocorre a exauribilidade do tema (Bezerra; Menegassi, 2022), característica associada à entonação valorativa, na medida em que o elétrico entona comportamentos socialmente reconhecíveis como humanos. Daí decorre a necessidade de o aluno perceber que o elétrico funciona, no texto, como uma figura personificada. Entretanto, o texto também apresenta elementos e situações que contribuem para a contextualização do termo “elétrico”: como se observa em:

Certo dia

Ao meio-dia

À hora de ponta

Um carro eléctrico

Resolveu

Fazer feriado

Por sua conta...

Estou farto

Farto de trabalhar

Hoje quero ir passear.

Como se pode observar, na primeira estrofe, os tons valorativos atribuídos ao elétrico remetem à sua condição de objeto inanimado, conforme se evidencia nas expressões: *“Certo dia”, “Ao meio-dia”, “À hora de ponta”, “Um carro elétrico”*. Já na segunda estrofe, essas marcas valorativas sofrem um deslocamento, passando a caracterizar o elétrico com traços tipicamente humanos, como se observa: *“Estou farto”, “Farto de trabalhar”, “Hoje quero ir passear”*. Esses enunciados evidenciam a personificação do elétrico e revelam mudança de entonação valorativa operada pelo narrador. A compreensão desses elementos por parte do aluno mostra-se importante para a construção de sentidos da atividade proposta.

Com base nesse entendimento, defendemos que essa reflexão considera a capacidade de mobilidade do próprio signo, necessariamente marcada pela mobilidade apreciativa da entonação. Isso porque a forma pelo qual o aluno é conduzido à constituição de sentidos coaduna-se com a visão do Círculo, segundo a qual a entonação organiza a expressão e, ao mesmo tempo, manifesta-se nela (Medviédev, 2016 [1928]). Nessa direção, a avaliação social estabelece sempre uma ligação orgânica entre a presença singular do enunciado e o carácter geral de seu sentido, (2016 [1928], p. 190).

Somente a partir da compreensão dessas características valorativas atribuídas ao elétrico é que os alunos podem entender a razão de ele ter tomado uma determinada decisão e, conseqüentemente, explicar o porquê dessa escolha. Isso porque, no texto, o elétrico é inicialmente associado a um carro cuja função é transportar pessoas e bens de um lugar para o outro. Em face dessa função reiterada, o elétrico passa a manifestar sentimentos de indignação e exaustão, o que o leva a decidir fazer um feriado por sua conta, como se observa nos enunciados: *“estou farto”, “estou farto de trabalhar”*. Desse modo, a atividade de transportar pessoas e bens pode ser interpretada como *“seu trabalho”*, razão pela qual a decisão de fazer um feriado se justifica pelo cansaço decorrente dessa atividade contínua.

Na questão “*Por que razão o eléctrico se fez passar por um turista?*”, o aluno precisa, primeiramente, recorrer ao extraverbal (Voločínov, 1926), mobilizando conhecimentos partilhados socialmente acerca das características valorativas atribuídas a um turista. Conforme asseveram Santos e Menegassi (2021), “o extraverbal também está relacionado ao que os interlocutores sabem em comum, ao que compreendem conjuntamente sobre o que está sendo dito”. Nesse sentido, recorreremos ao Dicionário Porto Editora, segundo o qual turista é uma pessoa que viaja para um lugar distinto daquele onde vive por um determinado período de tempo, a fim de se divertir, passear, conhecer lugares e culturas diferentes, etc.

Já o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa concebe a palavra turista como a pessoa que viaja por diversão ou recreio dentro ou fora do país. A partir dessa definição, o aluno pode compreender que o eléctrico se fez passar por um turista porque estava cansado de trabalhar e precisava de descanso. Tal descanso seria possível ao assumir a posição de um turista, uma vez que, conforme indicam as definições apresentadas, o turista é alguém que viaja para se “divertir”, “passear”, “conhecer lugares e culturas diferentes”, e não para trabalhar. Essas características valorativas, descritas pelos dois dicionários, podem ser identificadas também na 5.ª, 6.ª e 7.ª estrofes do texto, como se observa a seguir:

Visitou os monumentos

e viu uma guia

muito apressada

[...]

O eléctrico é um turista

Gosta de passear, ver novas terras e ver o mar.

Ao cair a noite

Regressou a Lisboa

E muito contente

Como toda gente

[...].

Portanto, o domínio, por parte do aluno, desses elementos no contexto da sala de aula, tal como já apontado na análise anterior, mostra-se importante, pois, conforme afirma Dahlet (2005),

“o enunciado se dá numa esfera ideológica e sempre expressa uma posição avaliativa”. Isso nos permite inferir que é a entonação que materializa a avaliação social.

A constituição de sentidos na atividade anterior mostra-se importante para a compreensão da atividade subsequente, expressa em: *“Neste poema, o elétrico comporta-se como uma pessoa. Indica a figura de estilo que o permite. Extrai do texto uma passagem que prova a afirmação em 3.*

Para a realização dessas atividades, o aluno precisa realizar os mesmos movimentos de constituição de sentidos, de modo a compreender que a palavra se apresenta como um apoio para a expressão da avaliação social (Volochinov, 2017 [1929, 1930]). Nesse caso específico, o tema é plenamente exaurido na e pela entonação expressiva, onde nesse caso, ao observar-se a pergunta proposta, o projeto do dizer do elétrico exaure as características valorativas (Bezerra; Menegassi, 2022) próprias de uma pessoa, como se pode descrever a seguir:

O elétrico é um turista
Gosta de passear,
Ver novas terras e ver o mar.

Ao cair a noite
Regressou a Lisboa
E muito contente
Como toda gente
[...].

Com isso, portanto, compreende-se que a palavra expressa valores ideológicos que podem ser apreendidos por meio da entonação valorativa, uma vez que o sentido do dizer se manifesta nas posições sociais e avaliativas que os interlocutores ocupam e assumem em relação com o outro. Do mesmo modo, entende-se que, nas duas atividades que constituem o *corpus* deste estudo, o conceito axiológico da entonação se manifesta, tanto de maneira explícita quanto implícita.

5 Considerações finais

Com base nas discussões empreendidas ao longo desse estudo, evidenciou-se a preponderância do conceito de entonação valorativa no processo de ensino e aprendizagem da leitura em sala de aula, por meio dos gêneros discursivos e das atividades de leitura, no contexto

moçambicano. Por outro lado, para a formação de leitores-ativos, consideramos importante um trabalho pedagógico que parta de base e considere o alcance efetivo do aluno. Isso implica que o professor, na função de mediador do trabalho com a leitura, saiba mobilizar com perspectivas teórico-metodológicas que favoreçam a formação dos alunos como leitores e produtores de sentidos.

Nessa perspectiva, compreendemos também que o estudo evidenciou o potencial da entonação valorativa como recurso para o ensino de leitura nas salas de aula moçambicanas. No entanto, por se tratar de um conceito pouco difundido no contexto educacional de Moçambique, sua apropriação demanda investimento na formação de professores de Língua Portuguesa. Isso porque, se o professor, enquanto mediador fundamental no processo de ensino e aprendizagem, não dominar ou for preparado para trabalhar a leitura a partir da entonação valorativa, sua prática tende a permanecer ancorada em modelos anteriores e de caráter regressivo. Diante disso, consideramos imprescindível que a formação do professor para o trabalho com novas teorias no ensino de línguas seja contemplada tanto na formação inicial quanto na formação continuada.

Este estudo, conforme já referido, apresenta uma proposta de caráter colaborativo com o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano de Moçambique (MINEDH), no sentido ampliar o repertório de teorias que podem ser mobilizadas pelos professores em sala de aula, com vistas à formação de alunos ativos e produtores de sentidos, uma vez que o fim último da leitura é a produção de sentidos. Nesse percurso investigativo, e à luz das análises realizadas, foi possível concluir que a entonação valorativa constitui:

- a) elemento portador da avaliação social (Medviédev, 2016 [1928]);
- b) aspecto materializador da atitude avaliativa do falante (Bakhtin, 2010 [1986]);
- c) aspecto avaliador da palavra em uso (Bakhtin, 2003 [1979]);
- d) elemento responsável pela exauribilidade do tema (Bakhtin, 2017 [1929, 1930]);
- e) aspecto que vincula o verbal ao extraverbal (Volochinov, 2019a, [1926b]);
- f) elemento que serve como um fundo entonacional para o coletivo social do falante (Volochinov, 2019^a [1926b]).

Portanto, à luz dos resultados obtidos nessa pesquisa, entendemos que estes podem ser efetivamente alcançados quando a entonação valorativa é considerada um elemento inerente ao

enunciado, o que exige do aluno, na condição de aprendente, o engajamento em atividades em sala de aula voltadas à constituição de sentidos.

Considerando a perspectiva estrutural que ainda orienta o ensino em Moçambique, este estudo demonstra que o ensino da leitura pode ser abordado a partir de uma perspectiva que reivindique do aluno o estabelecimento de uma relação dialógica entre ele, o texto e o mundo por ele vivido, em um conjunto axiológico. Tal abordagem possibilita o alcance dos objetivos delineados no programa de ensino da disciplina de Língua Portuguesa da 7.^a classe.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. Tradução de: Miotello, Valdemir, Faraco, Carlos Alberto. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2013.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução: Lufs Antero Neto; Augusto Pinheiro. 70. ed. Lisboa: Persona Psicologia, 1977. Título original: L'analyse de contenu. Disponível em: <https://biblioteca.geografia.blog.br/2002/01/ace702002.html>. Acesso em: 23 out. 2024.

BEZERRA, Jane Cleide dos Santos; MENEGASSI, Renilson José. A entonação valorativa na produção de sentidos em leitura no livro didático de português. *Revista Educação em Foco* - Universidade Federal de Juiz de Fora. v. 26, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br>. Acesso em 23 out. 2024.

BEZERRA, Jane Cleide dos Santos, MENEGASSI, Renilson José. Entonação valorativa em atividades de leitura. Pedro e João (Ed), *Leitura e ensino de língua*, 2021, p. 195 - 235.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. *Bakhtin: conceitos-chave*. Tradução. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CZEREVATY, Paulo Cezar; ÂNGELO, Cristiane Milinoski Pianaro. Entonações valorativas e responsividade no documentário doméstica. *Revista interfaces*. Vol. 10 n. 4, 2019. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6067. Acesso em: 23 out. 2024.

CZEREVATY, Paulo Cezar; ÂNGELO, Cristiane Milinosli Pianaro. Valoração e entonação no dialogismo do Círculo de Bakhtin. *Revista Revel*, 2019.

DAHLET, Véronique. A entonação no dialogismo Bakhtiniano. In: Brait, Beth. (Org.). *Mikhail Bakhtin: dialogismo e construção de sentido*. 2. ed. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2005 [1997], p. 249-264.

DESTRI, Alana; MARCHEZAN, Renata. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. *Revista da ABRALIN*. v. 20, n. 2, p. 1–25, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1853. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 22 out. 2024.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA.” *Turista*”, [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/turista> [consultado em 29-10-2022].

DUBBOIS, Jean (org.). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1773].

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 2.ed. Cascavel: Assoeste. Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora, 1997 [1984], p. 34-373.

MANUEL, Arcedes José. A entonação valorativa na constituição de sentidos no ensino da Língua Portuguesa em Moçambique. *EntreLetras*, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 196–213, 2023. DOI: 10.20873/uft2179-3948.2023v14n3p196-213.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikolaevich. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de: Grillo, S. Américo, E. V. São Paulo: Contexto, 2016 [1928].

MENDES-POLATO, Adriana Delmira; BELOTI, Adriana; MENEGASSI, Renilson José. Práticas epilinguísticas axiológicas na reescrita. VII CÍRCULO – *Rodas de conversa bakhtiniana: fronteiras*. São Carlos: Pedro e João editores, 2018, p. 588-608. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistaeduclings/article/view/6569>. Acesso em: 20 out. 2024.

MENEGASSI, Renilson José; CAVALCANTI, Roseline da Silva de M. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. *Revista Alfa*, São Paulo, 2013, p. 433-449. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5133/4669>. Acesso em: 23 out. 2024.

MUHATE, Simeão; MOURANA; Sandra, MASSANGO; Clementino; MACIE, Filipe. *Regras de Comunicação*. Língua Portuguesa. 7.ª classe, Longman Moçambique, 2004.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES, Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr, 2014. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/2423. Acesso em: 20 de out. 2024.

PORTO EDITORA – *turista* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-10-23 14:37:26].

PORTO EDITORA – *Turista*. no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-10-29 11:00:08].

SANTOS, Katia Roseane Cortez; MENEGASSI, Renilson José. Conceitos valorativos na leitura de tirinha de quadrado. *Fórum Linguístico Florianópolis*, v. 18, n. 2, abr./jun. 2021, p. 6001-6014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/72599>. Acesso em: 23 out. 2024.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. A construção da enunciação. In: Volochínov, Valentin. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013 [1930].

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich; BAHKTIN, Mikhail. A palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: Volochínov, Valentin Nikolaevich. *A construção da enunciação e outros enunciados*. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro e João editores, 2006 [2013, 1926].

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich; BAHKTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila, 2017 [1929].
